



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO
COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

JULIANA SANTOS SILVA SOUZA

MULHERES INVISÍVEIS
O cotidiano de um presídio feminino

Salvador

2009

JULIANA SANTOS SILVA SOUZA

MULHERES INVISÍVEIS

O cotidiano de um presídio feminino

Memória apresentada ao curso de Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação.

Orientador: prof. José Mamede

Salvador

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à José Carlos, Jacir Santos e a Carlos pelo incentivo e apoio financeiro para a realização desse projeto.

Este livro é dedicado também ao professor Paulo Munhoz por acreditar no meu trabalho e acompanhar todo o processo de sua realização. Ao professor José Mamede que me encorajou a seguir em frente com o tema.

Durante todo o processo de realização desse trabalho pude contar com o apoio dos meus amigos, Jorge, Inês, Jubs, Jane, Wendell, Rebeca, Taciana, Renata, Carina, Israel e aos companheiros de Labfoto.

Agradeço também aos agentes carcerários e às internas do Conjunto Penal Feminino, sem as quais esse projeto não seria possível.

**“Aqui é o lugar onde filho chora e
papai e mamãe não vê”**
(Vanessa, 20 anos, presa por furto).

RESUMO

O livro fotográfico *Mulheres Invisíveis – O cotidiano de um presídio feminino* mostra a realidade das internas do Conjunto Penal Feminino da Bahia. Em uma sociedade que prioriza a exposição da violência no ambiente carcerário, os documentários fotográficos sobre presídios têm a intenção de apresentar um viés diferente. Nesses projetos não existe a intenção de fazer o julgamento sobre certo ou errado. O cotidiano das pessoas retratadas é apresentado com todas as complexidades que caracterizam as relações humanas. O livro fotográfico sobre o Conjunto Penal Feminino vai nesse sentido, expõe as angústias, tristezas, esperanças e os momentos de alegria das mulheres fotografadas.

Palavras-chave: Comunicação; Documentário; Fotografia; Jornalismo; Presídio.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	6
2.	O DOCUMENTÁRIO EM PRESIDIOS	8
2.1	O CONJUNTO PENAL FEMININO	10
3.	FOTOGRAFIA DOCUMENTAL E FOTOJORNALISMO	12
3.1	FOTOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO	13
4.	A SAGA	17
4.1	ASPECTOS TÉCNICOS	20
4.2	DESAFIOS TÉCNICOS	21
5.	CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DO LIVRO FOTOGRÁFICO	23
6.	ORÇAMENTO	26
7.	CONCLUSÃO	27
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
	ANEXOS	
	A – ENTREVISTAS	30
	B – TEXTO DO LIVRO	34

1. Introdução

O livro fotográfico *Mulheres Invisíveis – O cotidiano de um presídio feminino* se propõe a apresentar um olhar sem julgamentos sobre as internas do Conjunto Penal Feminino de Salvador, Bahia. Essas mulheres em conflito com a lei, assim como são classificadas, estão despidas das máscaras e escudos que as revestiam. Máscaras estas que pareciam intransponíveis, mas que foram arrancadas e deixaram transparecer a verdade das mulheres encarceradas.

Este projeto representa também o amadurecimento do olhar e das formas de abordagem sobre um tema desde os ensaios que já foram elaborados por esta autora. No decorrer do período acadêmico, a partir do Jornal da Facom - periódico da Faculdade de Comunicação da UFBA - quando surgiu o interesse pelo fotojornalismo e após o ingresso na monitoria do Labfoto – Laboratório de Fotografia, ficou de fato comprovado o desejo por fotografar assuntos de interesse social.

Aprofundar a pesquisa neste tema era, no entanto, uma tarefa difícil na Facom devido à escassez de disciplinas exclusivas de fotografia oferecidas pela instituição. Somente a partir dos cursos de Fotojornalismo e Fotografia Documental, cursados enquanto monitora do Labfoto, pôde-se ter um melhor aproveitamento dos assuntos relacionados à área.

O projeto fotográfico *Pescadores de Plataforma*, realizado no segundo semestre de 2007, foi um exercício de técnica, olhar e sensibilidade sobre como proceder diante da abordagem de temas de caráter documental e que mais tarde culminaria no ensaio sobre as mulheres do Conjunto Penal. Ensaio este que foi resultado de muito empenho e, porque não dizer também, de muita coragem, desde o processo para obter a autorização para entrar no presídio até o momento de interação com as internas.

No ensaio sobre as internas do Conjunto Penal Feminino da Bahia que resultou no livro de fotografias *Mulheres Invisíveis – O cotidiano de um presídio feminino* buscou-se contar uma história sobre as internas do Conjunto Penal através de imagens que contribuíssem para uma diferente representação da visão geralmente estereotipada, que essas mulheres assumem perante a sociedade.

No livro, buscou-se mostrar a complexidade da vida dessas mulheres, que não se resume apenas entre certo ou errado, se elas são apenas tristes ou felizes. Complexidade esta que é inerente às relações humanas e que caracteriza a fotografia documental contemporânea. Este projeto incita um olhar crítico sobre a sociedade e tenciona uma provocação sobre este problema social.

1.1. Objetivos

1.1.1. Geral

A partir das fotografias e entrevistas realizadas no Conjunto Penal Feminino da Bahia, tive como objetivo elaborar um livro fotográfico que retratasse a partir de imagens o dia-a-dia, os sentimentos e expectativas das internas daquela unidade carcerária.

1.1.2. Específico

A falta de oportunidade de adentrar no sistema prisional e a escassez de tempo da maioria dos veículos de comunicação limitam uma cobertura mais completa sobre a realidade das pessoas que estão presas, nos quais a violência é o foco principal do noticiário. O livro de fotografias sobre as internas do Conjunto Penal Feminino busca apresentar uma visão diferenciada sobre essa parcela da sociedade. As mulheres fotografadas expõem os sentimentos de frustração, esperanças, amizade e solidão que as acompanham nesse período de suas vidas em que se encontram no cárcere.

2. O documentário em presídios

A 8 de Março de 1890, é editada na *Illustrated American* a primeira reportagem fotográfica sobre a vida numa prisão. Um tema que ainda hoje continua a ser abordado e que é, concomitantemente, um exemplo dos primeiros passos do fotojornalismo (SOUZA, 2004, p.48).

A história do fotojornalismo esteve sempre atrelada à produção de reportagens instigantes, cujos temas requeriam perspicácia e muita coragem do fotógrafo. O primeiro repórter fotográfico a documentar a vida em uma penitenciária foi S.W. Westmore, com o ensaio *Behind Prison Bars* (Atrás das grades), na Illinois State Prison. A partir de então muitos fotógrafos seguiriam os seus passos com projetos cada vez mais ousados e diferenciadas abordagens.

Com ensaios fotográficos que variam de meses até anos de duração, os fotojornalistas mostram de muito perto a vida daqueles que vivem no cárcere. O fotógrafo Rodrigo Albert percorreu durante quase oito anos os presídios brasileiros que têm projetos de humanização das penas. Contratado inicialmente, em 2002, para fazer fotos de divulgação para o Tribunal de Justiça de Minas Gerais, Albert percebeu o valor social do seu trabalho:

Comecei a ver que aquelas pessoas não são como a mídia as coloca, não são monstros, mas seres humanos com os mesmos sonhos e anseios que todos têm. Descobri que a única pressão psicológica para impedir que o trabalho crescesse, eu mesmo a criava dentro de mim. Essa descoberta foi decisiva (ALBERT, 2008, p.72-73).

O resultado das fotografias foi o documentário *Inserção*, que rendeu ao fotógrafo convites para exposições e diversos prêmios para o autor e em breve será lançado como livro.

1



2



3



Figuras 1, 2 e 3 – Projeto Inserção

Fotos: Rodrigo Albert

Embora não seja um livro de fotografias, e sim com fotos que completam a narrativa, *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella¹ apresenta o relato do cotidiano no maior complexo prisional da América Latina. Nesta publicação, como o próprio autor faz questão de deixar claro, não existe a intenção de condenar ou fazer qualquer julgamento sobre os personagens. Ele apenas conta as histórias e deixa que o leitor tire as suas próprias conclusões.

Ao contrário do que a imagem exposta para a sociedade aponta, a vida no presídio não está o tempo todo impregnada de violência. Varella (1999) expõe esse ponto de vista que é comum aos fotodocumentaristas de penitenciárias: relatar o cotidiano de uma cadeia, seja em texto ou forma de imagens, serve para quebrar paradigmas e oferecer uma visão real para quem está do lado de fora.

Em *Mulheres de Tucum* (2000-2002), Edson Chagas apresenta através de fotografias um relato completo e sem preconceitos do cotidiano das internas do maior Complexo Penitenciário do Espírito Santo. Com texto de Chagas e Nara Santana, o livro desnuda o dia-a-dia de mulheres que tiveram que reaprender a viver no ambiente hostil da prisão, mas que mantêm a esperança de serem donas de suas vidas novamente.

Embora as imagens sejam belas em decorrência das cores marcantes, da textura e do recorte escolhido pelo fotógrafo, estas não escondem a gravidade do problema que está sendo tratado no livro. Assim como no Conjunto Penal Feminino da Bahia, a maioria das histórias relatadas é triste. Nas penitenciárias brasileiras as internas que permanecem presas por muito tempo são mulheres de baixa renda e que não têm como sobreviver fora da prisão. Apesar do relato que elas fazem sobre

¹ O médico cancerologista, Drauzio Varella, trabalhou durante 10 anos como voluntário na prevenção à AIDS, no complexo do Carandiru, em São Paulo.

os horrores da vida no cárcere, parte delas retorna para o presídio, pois volta a cometer os mesmos crimes assim que sai em liberdade.

Para a realização do ensaio *Mulheres Invisíveis – O cotidiano de um presídio feminino* foram pesquisados outros projetos com essa mesma temática, tais como os livros *Caldeirão do Diabo*, de André Cipriano; *Mulheres de Tucum*, de Edson Chagas; e o ensaio *Inserção*, de Rodrigo Albert. Essas referências, utilizadas antes e depois da realização das fotos, serviram para fornecer uma prévia da complexidade e dificuldades que encontraria no processo de realização das imagens e atuaram como mecanismos de trocas de experiências entre esta fotógrafa e outros profissionais.

4



Figura 4 - Mulheres de Tucum

Foto: Edson Chagas

5



Figuras 5 e 6 - Mulheres Invisíveis

Fotos: Juliana Souza

6



2.1 O Conjunto Penal Feminino

Formado por quatro unidades carcerárias, no bairro da Mata Escura, em Salvador, o Complexo Penitenciário de Salvador abriga a Penitenciária Lemos Brito, o Conjunto Penal Feminino, o Presídio de Salvador – antiga Casa de Detenção – e o Centro de Observação Penal - COP. Neste último, encontram-se os presos oriundos do interior do Estado que aguardam definição quanto ao ingresso nas unidades prisionais ou que estão em situação especial.

Figura 7 – Imagem aérea do Complexo Penitenciário Lemos de Brito, no bairro da Mata Escura, em Salvador, Bahia.



FONTE: Sedur (Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Estado)

O Conjunto Penal Feminino foi fundado em 08 de março de 1990 com o objetivo de custodiar mulheres presas nos regimes penais fechado, semi-aberto e aberto. As atividades foram iniciadas com um número de 16 internas, sendo que a capacidade era para 64 mulheres. Após reforma realizada a unidade foi ampliada, hoje, composta de oito galerias com oito celas cada, para receber 128 internas em caráter provisório ou sentenciadas.

O perfil da população carcerária é de mulheres na maioria afro descendentes, faixa etária acima de 18 anos, maioria pobre e com filhos menores de idade, baixa escolaridade e companheiros envolvidos em situação criminal. Até o dia 10 de junho deste ano, haviam 119 internas: 62 presas por tráfico de drogas, 19 por furto, 15 por homicídio, quatro por latrocínio e as demais por outros crimes que não são classificados: como estelionato e falsidade ideológica, por exemplo.

É realizado dentro do Conjunto Penal um trabalho para humanização das penas, na qual é feito o acompanhamento médico das internas, onde elas têm direito ao atendimento em cardiologia, clínica geral, ortopedia, ginecologia, além de acompanhamento psicológico e psiquiátrico. As famílias das internas também têm

direito ao atendimento médico, além da doação de cestas básicas quando é comprovado que estas passam por dificuldades financeiras.

3. Fotografia documental e Fotojornalismo

“A fotografia documental tem como proposta narrar uma história por meio de uma seqüência de imagens” (LOMBARDI, 2008, p. 37).

O projeto *Mulheres Invisíveis – O cotidiano de um presídio feminino* segue a linha metodológica dos ensaios de fotografia documental: a vida das mulheres do Conjunto Penal Feminino da Bahia é contada através de imagens, em um determinado período de tempo que permitiu a interação entre fotógrafa e fotografadas. Nas fotos é percebida essa aproximação a partir do modo como as internas mostram-se à vontade diante do dispositivo fotográfico.

A fotografia documental por vezes compreendida como sinônimo do fotojornalismo estabelece um modo de fazer e destino diferente deste último, no entanto permanece em ambos o objetivo de gerar informação a partir do assunto fotografado. Enquanto no fotojornalismo o fotógrafo geralmente não sabe o que vai fotografar e em quais circunstâncias ele o fará, na fotografia documental o profissional faz uma pesquisa prévia sobre o assunto com o benefício de poder decidir sobre as formas de abordagem e equipamentos que serão utilizados.

Em *Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental*, Souza (2004) define a fotografia jornalística, no sentido restrito, como uma imagem que visa informar e contextualizar sobre um determinado assunto, de acordo com as variações de interesses dos veículos de comunicação e dos critérios de noticiabilidade em vigor. Utilizada no jornalismo a fotografia tem o objetivo primeiro de informar, comunicar e atrair o leitor para a publicação (LINS; VALENTE, 1997, p.37).

Lima (1988) estabelece que a fotografia de imprensa deve, sobretudo ser entendida de forma clara, valendo-se da relação sujeito – circunstância – ambiente, principalmente porque no geral utiliza-se apenas uma imagem que represente toda uma situação. Neste sentido o autor afirma que é preciso que a linguagem da fotografia seja compreendida, ou seja, é necessário que a finalidade da fotografia

esteja explícita de acordo com o produto, a sociedade e a época na qual está inserida.

Em *Fotojornalismo – Guia profissional*, Martin Keene (1995) explica que o fotógrafo de imprensa faz o papel dos olhos dos leitores e leva-os a ver pessoas, coisas e lugares que, por razões de custo, espaço ou tempo, não podem ver por si próprios. Da mesma forma que o jornalista diz aos leitores o que se passa no seu mundo, o fotógrafo de imprensa apresenta essa realidade.

A foto documental, por sua vez, está aberta a um leque de significações e alocações que transpõem as barreiras do tempo e o espaço. É comum às duas atividades que durante o registro da imagem entre em vigor o processo de construção e criação do fotógrafo (KOSSOY, 1999). No entanto, na fotografia documental o fotógrafo está mais livre para criar e gerar imagens passíveis de múltiplas interpretações.

3.1 Fotografia e representação

A fotografia é muito mais do que uma cópia fiel do real, ela carrega em seu bojo significações e interpretações que surgem desde o instante em que o fotógrafo a registrou até o momento de seu consumo.

Entra em ação no momento do registro da imagem a bagagem cultural do fotógrafo, bem como os aspectos que o definem como parte de uma determinada sociedade. O fotógrafo não se despe de seus valores, preconceitos e crenças no momento de fotografar e todos esses aspectos influenciam no resultado da imagem que foi produzida. Houve de fato uma situação concreta, mas cada fotógrafo a interpreta e gera diferentes significados a partir do que foi visto.

As interpretações, no entanto, não se esgotam sob o olhar do fotógrafo. A partir do momento que a imagem é consumida ela é novamente problematizada a partir do contexto social e da bagagem cultural de quem a observa. Segundo Kossoy (1988), a fotografia possui a realidade do fotógrafo e a outra realidade que passa existir a partir do momento em que ela é interpretada:

A realidade da fotografia não corresponde (necessariamente) a verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência... A realidade da

fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes 'leituras' que cada receptor dela faz num dado momento (KOSSOY, 1988, p.38).

De acordo com Kossoy, na fotografia documental são trabalhados os variados assuntos que partam do real. Existe, no entanto de acordo com Souza, uma preferência pelos temas sociais por parte dos documentaristas contemporâneos que estão preocupados em conhecer e compreender o mundo:

Na contemporaneidade, o documentarismo fotográfico exemplifica o respeito pela diversidade cultural e pela polifonia enriquecedora, ao fazer proliferar os pontos de vista, ao ser feito de cumplicidade entre criador e receptor, ao estimular as questões, as inquietações, as incertezas. Neste sentido, é um gênero fotográfico problematizador das certezas feitas, refutador de estereótipos e de visões maniqueístas e simplificadoras. (SOUZA, 2004, p.175).

O ensaio sobre o cotidiano do Conjunto Penal Feminino vai de encontro a esta corrente de pensamento, uma vez que procura fornecer múltiplas interpretações sobre o objeto fotografado. As mulheres do conjunto penal não estão passíveis de apenas um julgamento positivo ou negativo, as imagens produzidas têm a intenção de provocar no observador tantas ou mais emoções sentidas por esta autora.

Em *Filmar o real – sobre o documentário brasileiro contemporâneo*, Consuelo Lins e Cláudia Mesquita (2008) comprovam como a estreita relação entre autor – assunto forma a base para a elaboração e o sucesso de um documentário. Embora Lins e Mesquita façam um relato sobre a realização dos principais filmes documentais do Brasil é fácil notar a semelhança entre os mecanismos de abordagens entre diretores de filmes e fotógrafos documentais.

O dispositivo e o produto final são de origens diferentes, mas a disposição de tempo e sensibilidade necessária para este tipo de projeto são os mesmos. Ao descreverem o processo de realização do documentário *Santo forte* de Eduardo Coutinho, as autoras deixam claro o quanto o diretor se eximio de qualquer julgamento e deixou o direito de fala exclusivo para os 11 moradores de Vila Parque da Cidade (favela na Zona Sul do Rio):

Ali, no encontro com o outro, é tudo ou nada. Coutinho mantém uma escuta ativa e procura se abster de qualquer julgamento moral diante do que dizem as pessoas filmadas, que constroem – na 'cena' provisória da entrevista – seus auto-retratos, sendo responsáveis pela elaboração de sentidos e interpretações sobre sua própria e singular existência (LINS; MESQUITA, 2008, p. 18-19).

Ainda sobre esse documentário de Coutinho, as autoras transcorrem sobre a necessidade do diretor de “filmar em um espaço restrito, em uma ‘locação única’, que permite estabelecer relações complexas entre o singular de cada personagem, de cada situação e algo como um ‘estado de coisas da sociedade brasileira”. À semelhança de *Santo Forte*, o documentário fotográfico: *Mulheres Invisíveis – O cotidiano de um presídio feminino*, embora sejam respeitadas as devidas diferenças físicas e organizacionais de um conjunto penal para outro, estabelece-se uma relação entre os principais problemas e estado de emoções entre os demais conjuntos penais femininos brasileiros.

A realização de entrevistas contribuiu para que fosse gerada a confiança entre a fotógrafa e as presidiárias. O estabelecimento do diálogo fez com que as internas sentissem que não estavam sendo unicamente exploradas, uma vez que o direito à voz lhes garantiu o retorno de que precisavam para liberar a sua imagem. O registro das imagens também não seguiu uma ordem cronológica.

Ficou explícito nesse projeto que as fotos do presídio com suas paredes desgastadas pelo tempo, as sombras e os olhares por vezes de angústias e outras de descontração das internas seriam o viés para a representação do cotidiano daquelas mulheres.

Para que houvesse essa pluralidade de sensações foram utilizados diferentes recortes que ultrapassaram as expressões de sofrimento das presidiárias. Esses olhares estão presentes no livro, mas existem variações de imagens daquelas mulheres e também do ambiente. O aspecto criativo, a diversificação de enquadramento e cenas que vão além da objetividade são características do documentário contemporâneo, no qual a sociedade é apresentada com toda a sua complexidade.

Está presente também no momento de captura dos instantes o imaginário do fotógrafo, que conta com o seu repertório cultural, suas vivências pessoais e relação com seu meio social. O fotógrafo faz uso da sua biblioteca, busca em sua memória a referência de outras obras e deles se apropria para compor o seu próprio projeto. Segundo David Sylvester (SYLVESTER, 1995, p.30 apud LOMBARDI, 2008, p. 48), “as fotografias não são somente pontos de referência, muitas vezes elas são detonadoras de idéias.

4. A SAGA

Durante o período de abril a junho de 2009, enquanto realizadora do projeto *Mulheres Invisíveis – O cotidiano de um presídio feminino*, vivi um grande envolvimento com o cotidiano das internas do Conjunto Penal Feminino da Bahia. A procura por imagens que representassem as sensações, o clima e os sentimentos que permeiam um presídio fez com que fosse construída uma relação de cumplicidade entre a autora e as internas que se interessaram em contribuir para a realização de imagens que apresentassem a situação na qual se encontram as mulheres daquela unidade carcerária.

A possibilidade da realização deste projeto surgiu no início de 2008, após sugerir ao meu colega de curso, Jorge Gauthier, para fazer a documentação de seu documentário sobre as mães que convivem com os filhos dentro da penitenciária. Durante uma visita ao Conjunto Penal Feminino, em maio de 2008, deparei-me com o fascínio por realizar imagens que apresentassem as emoções daquele local.

A conquista da autorização foi o processo mais demorado e fator de maior dificuldade para a realização deste projeto. Em agosto de 2008, foi feito o primeiro contato por telefone com a diretora do Conjunto Penal Feminino, Silvana Gonçalves. A diretora garantiu que não haveria problemas em fotografar no presídio desde que a Secretaria de Justiça a autorizasse. Nesta época eu estagiava na Assessoria de Comunicação da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e tinha colegas que mantinham contato com funcionários da Secretaria de Justiça.

Através desses colegas consegui um encontro com Márcia Mizzie, funcionária da Secretaria de Justiça, que me alertou sobre a necessidade de um ofício expedido pela diretoria da universidade e que deveria ser enviado ao Superintendente de Assuntos Penais, na época, o coronel Francisco Leite.

O ofício foi entregue à secretária do superintendente, que me garantiu logo em seguida conseguir a autorização. Após semanas de telefonemas para saber o

resultado do ofício foi informada que o mesmo simplesmente havia sido perdido e que precisaria entregar um novo. Outro ofício foi entregue, mas dessa vez deparei-me com a mudança de superintendente, cujo cargo passaria a ser ocupado pelo coronel Isidoro Rodriguez que, segundo sua secretária, nunca estava presente para assinar o documento.

Durante um mês e pelo menos duas vezes por semana, telefonei para a Secretaria em busca de notícias. Eis que, em abril deste ano, e após o terceiro ofício ser enviado fui informada pela secretária do superintendente que a minha entrada no presídio havia, finalmente, sido autorizada. O próximo desafio seria o de adentrar naquele mundo, superar preconceitos e principalmente o medo de participar do convívio com presidiárias.

Na primeira visita ao Conjunto Penal apenas conversei com a diretora sobre os limites que deveria seguir dentro da unidade: ficou estipulado que durante em um dos turnos (manhã ou tarde) e dois dias por semana, exceto no dias de visita (quarta-feira e sábado) e aos domingos, eu poderia realizar o meu projeto; também seria necessário que um agente carcerário sempre me acompanhasse durante a realização das imagens. Aproveitei esse momento para conhecer e informar os agentes sobre a realização do projeto. Esta conversa se repetiria por quase três semanas, uma vez que os agentes trabalham em regime de escala e cada vez que ia ao presídio encontrava funcionários diferentes.

Durante a segunda visita ao presídio apenas entrevistei as internas. Não foi permitida a minha entrada para fotografar no pátio, local onde ficam as celas, porque o clima estava tenso e no momento todos os agentes estavam ocupados. Com a ajuda de um gravador entrevistei dez internas que responderam às perguntas sobre quais crimes haviam cometido, detalhes sobre o dia-a-dia no presídio, os principais problemas enfrentados na vida de presidiária, saudades da família e expectativas para o futuro. Essas entrevistas serviram para que eu explicasse sobre o projeto e fosse criada uma primeira relação de confiança entre algumas internas e eu.

Na semana seguinte pude entrar pátio e transitar pelas galerias, sempre acompanhada por um agente carcerário. Em cada corredor que adentrava conversava com as presidiárias e lhes informava sobre o cunho acadêmico das fotografias, motivo este que garantiu a autorização das imagens por parte delas. Este momento com as internas foi importante para que elas começassem a se sentir à vontade com a minha presença que passaria a ser constante e para que se

sentissem seguras quanto à seriedade do trabalho proposto. Neste dia apenas fotografei a parte física do presídio: corredores e celas vazias.

No dia seguinte pude, enfim, obter as primeiras imagens das internas. Antes de serem fotografadas, a agente que me acompanhava fez com que cada uma delas assinasse um termo de autorização de uso imagem. Logo após a realização da primeira sessão, entreguei algumas fotos para internas, fato este que se repetiu por mais duas vezes e garantiu que elas depositassem total confiança no meu trabalho.

Nas semanas que se seguiram, as internas, já totalmente à vontade com a minha presença, permitiram a minha entrada nas celas, muitas delas me convidavam para entrar e até sugeriam opções de poses. Os agentes carcerários também facilitaram muito o meu trabalho, uma vez que eles tinham que interromper a atividade na qual estavam para me acompanhar durante as fotos.

A unidade prisional feminina sofre um déficit do número de agentes carcerários e nem sempre algum deles podia estar comigo. Este foi um dos fatores para que eu optasse por fotografar durante a tarde. Durante a manhã todos os agentes estão ocupados, já que são realizadas as consultas médicas e os agentes precisam acompanhar cada interna. Outros são responsáveis pela revista e não poderiam deixar a portaria. Além disso, há agentes que fazem a segurança dentro do pátio.

No período da tarde era mais tranquilo para fotografar, todavia me deparava com a questão do tempo, pois só era permitido ficar no pátio, tanto para as internas quando para mim, até 17 horas, quando as celas são trancadas e os agentes deixam a unidade. Esse tempo, no entanto era reduzido para até às 16 horas, quando os agentes começavam a se preparar para deixar o conjunto penal.

Durante todo o processo de realização do trabalho fui acompanhada pelo fotógrafo e professor substituto da Facom, Paulo Munhoz, que sugeriu formas de abordagens com as internas e fez a análise das fotografias obtidas dando sugestões de imagens que poderiam ser captadas para o melhor aproveitamento do trabalho.

A escolha do título *Mulheres Invisíveis* surgiu após o período de realização das fotos, quando pude notar o quanto aquelas mulheres sentiam-se excluídas da sociedade. Quando elas deixam a unidade prisional passam a serem esquecidas também para quem está do lado de dentro. Não interessa saber para onde vão nem o que farão pelo resto de suas vidas.

4.1 Aspectos técnicos

Com uma câmera digital Nikon D100, duas lentes (24mm e 70-300mm) e dois cartões *Compact Flash*, um com 1G de memória e outro com 2G, produzi todas as fotografias que compõem o fotolivro. A escolha do dispositivo digital se deu porque sou proprietária da câmera e devido a facilidade em fotografar e no mesmo instante poder ver o resultado obtido. As lentes utilizadas são do Laboratório de Fotografia da Facom, o que representou um problema em primeira instância, pois nem sempre o funcionário responsável pela liberação do equipamento estava disponível, mas foram de suma importância para a obtenção das imagens.

A lente 24mm tem a capacidade de registrar os ambientes de forma ampla e por isso foi muito utilizada para este projeto. Além de possuir a abertura de diafragma 2.8, que permite a entrada de luz para o dispositivo e, por sua vez, um melhor aproveitamento da luz ambiente dentro das galerias do presídio. O *flash* foi utilizado para fotografar em algumas celas e corredores que não dispunham de nenhum foco de luz, mas estas fotos não foram selecionadas para o produto final.

Foram valorizadas as imagens que expunham a penumbra, as sombras e os pontos de luz que entram pelas frestas das galeras do presídio. A lente 70-300mm foi utilizada em algumas situações que não podia se chegar muito perto das internas - já que essa lente é geralmente utilizada para fotografar objetos que se encontram em uma certa distância - quando estas se encontravam em um momento reflexivo e a proximidade com o dispositivo lhes tiraria a expressão.

O suporte digital facilitou a obtenção das imagens, pois a incidência de luz varia em cada ambiente da unidade: nos corredores dentro das galerias é mais escuro porque não têm tantas lâmpadas quanto nas celas, que são mais iluminadas. Em algumas imagens é possível ver os pixels das imagens nas quais era necessário aumentar o ISO para aproveitar melhor a luz fraca dos corredores. Este aspecto

deixou as imagens com muitas sombras e nuances entre claro e escuro, o que funcionou como uma forma de representação da situação na qual se encontram as presidiárias.

Sempre depois das visitas as imagens eram transferidas dos cartões de memória para um computador e selecionadas. Após alguns dias de produção transferei algumas das fotos selecionadas e ordenadas pela data em pastas para um CD que era entregue à Paulo Munhoz, este que me devolvia o disco com as fotos por ele sugeridas.

Em um primeiro momento, a intenção era a realização de um ensaio em preto e branco, pois acredita que as sombras do presídio dariam maior dramaticidade às imagens, porém Paulo Munhoz me ajudou a enxergar o colorido que havia naquele lugar e quão o aspecto sujo das paredes com a tinta descascada poderia agregar valor às minhas fotografias.

4.2 Desafios técnicos

Um dos maiores desafios enfrentados para a obtenção das fotografias foi a escassez de iluminação dentro das galerias do Conjunto Penal. Era necessário usar um tempo de exposição muito baixo e como eu não dispunha de um suporte para manter a estabilidade da câmera, como um tripé, muitas vezes resultava em imagens tremidas e com aspecto de foco suave.

Fotografar as internas em seu cotidiano constituiu em um processo de conquista da confiança e de muita paciência. A confiança teve que ser obtida, primeiro pela diretora do presídio para me permitir entrar no pátio e nas celas, pois significava uma questão da minha própria segurança, depois pelos agentes carcerários, já que durante várias semanas tive que repetir para cada um deles que eu estava autorizada a fotografar dentro das celas. E principalmente, tive que convencer as internas de que não trabalhava para nenhum jornal e que se tratava de um projeto unicamente de cunho acadêmico.

Algumas delas, após ouvir a explicação sobre o trabalho, autorizaram prontamente a realização das fotos, tanto delas quanto de suas celas, outras não permitiram em nenhum momento serem fotografadas.

Os primeiros retratos foram impressos e entregues para as internas, o que fez com que elas depositassem total confiança em mim, mas ao mesmo tempo gerou um problema: a maioria resolveu que queria ser fotografada e queria todas as fotos que eu registrasse. Dois dias foram destinados para o *momento de descontração* das presidiárias e outro somente para que eu pudesse entregar a cada uma delas suas fotos.

Esses retratos das internas também foram utilizados, já que o objetivo do projeto é apresentar o cotidiano de um presídio feminino, nada mais justo do que apresentar as mulheres que fazem parte daquele universo. Como muitas delas se enfeitavam, colocavam uma roupa diferente do uniforme do presídio e até algumas delas faziam poses sensuais durante a sessão de fotos, isso ajudou para mostrar o lado feminino daquelas mulheres que perderam o convívio com a sociedade, mas ao mesmo tempo lutam para se sentirem vivas. Fiz muitos retratos das internas, mas somente alguns deles foram utilizados por mim no fotolivro, em forma de agradecimento àquelas mulheres que me permitiram adentrar em seu mundo.

5. Concepção e elaboração do livro fotográfico

A utilização do suporte do fotolivro resultou da necessidade de que as imagens tivessem um caráter atemporal. Alocadas em um livro, as fotografias podem ser vistas e revistas a qualquer momento pelos leitores.

O processo de realização do livro constou de uma pesquisa prévia sobre o Conjunto Penal, do perfil das internas e do registro das imagens. Foram feitas entrevistas com as presidiárias em momentos diferentes das realizações das fotos. Esse procedimento permitiu que houvesse um diálogo mais rico com cada uma das entrevistadas.

Após uma primeira visita para reconhecimento do ambiente, foram realizadas as fotos de dentro do presídio. As primeiras imagens foram apenas do interior das galerias, mas no decorrer do tempo e já com o auxílio das próprias internas as cenas do cotidiano do conjunto penal feminino puderam ser registradas.

O resultado dessas imagens e das entrevistas foi o livro de fotografias com 60 imagens, no tamanho 42 x 29,7 cm, capa dura e laminada, em papel couché fosco com 250g/m².

5.1. Diagramação

A diagramação do livro fotográfico resultou em um desafio a parte desse projeto. Em um primeiro momento, busquei a ajuda de um *designer* profissional para diagramar o livro, mas diante da recusa deste por motivos pessoais, tive que assumir também essa tarefa.

A falta de experiência em edição gráfica contribuiu para que muito tempo fosse perdido nessa etapa do trabalho. Havia o receio de dispor mal as fotos e

comprometer o visual do produto, além da preocupação de casar as imagens com os textos – ou caso, os trechos de falas das internas que seriam utilizadas,

No entanto, houve a facilidade do livro ser editado em um programa de internet chamado *D-book*. Trata-se de um *software* disponibilizado pela Digipix, empresa brasileira responsável pela produção de fotolivros. Por ser um programa de fácil utilização é permitido que qualquer pessoa, mesmo quem não possui nenhum conhecimento em diagramação, como eu, possa editar o seu livro de fotografias em casa e depois enviar o arquivo digital para a Digipix que o imprime.

O volume ficou distribuído da seguinte forma:

a) Capa:

A escolha da foto de capa foi baseada no grafismo das paredes do Conjunto Penal. Depois de testar diversas imagens e conceitos que se relacionassem diretamente com o tema do projeto, foi utilizada a imagem que melhor se adequou à concepção do livro e ao mesmo tempo apresentou um visual agradável.

Figura 8 – Foto da capa



Final do corredor no pavilhão A

Foto: Juliana Souza (29/05/2009)

b) As Internas – Cerca de 120 mulheres dividem histórias no Conjunto Penal Feminino.

c) A casa de ferro – As internas do Conjunto Penal conseguem fazer de um prédio rodeado de grades por todos os lados o seu *lar – doce – lar*. Em cada cela existe o toque feminino e a personalização de cada uma de suas moradoras.

d) A maternidade e o cárcere – As mães do cárcere convivem com a angústia da certeza da separação de seus filhos. Algumas ainda conseguem adiar esse momento, mas o afastamento é inevitável.

e) A fé liberta – Na religião algumas mulheres encontraram o conforto de que precisam para suportar os dias de cárcere. Para muitas a fé representa a libertação da alma e a certeza da absolvição de todos os seus pecados.

f) As paredes têm memória - Nas paredes dos corredores e no interior das celas, frases otimistas que acalentam nos momentos de solidão e reforçam a esperança nos dias de liberdade.

g) O trabalho também liberta – Três dias de trabalho dentro do presídio eliminam um dia de detenção. As atividades são diversas, desde a faxina, confecção dos uniformes e até serviços administrativos.

h) Agentes carcerários – São os responsáveis pela ordem do local. Eles sabem o nome de cada uma das internas e garantem que a rotina tranqüila do presídio seja mantida.

i) Meninas: As duas últimas páginas do livro são dedicadas às meninas que emprestaram com bom humor suas imagens para a realização deste projeto.

6. Orçamento

Livro fotográfico Mulheres Invisíveis			
Descrição	Unidade	Valor unitário	Total
Revelação (fotos entregues para as internas e aos agentes)	95	0,69	65,55
Impressão (versão prévia) Formato 21 x 14,8 61 páginas, papel couché	1	169,50	169,50
Impressão do Livro (Loja Nórdica Fotografia e imagem) Formato 42 x 29,7 61 páginas, papel Premium	4	250,00	1000,00

VALOR TOTAL	R\$ 1.235,05
--------------------	---------------------

7. CONCLUSÃO

A criação do livro fotográfico *Mulheres invisíveis – O cotidiano de um presídio feminino* representou um desafio e a descoberta de uma coragem que eu nem sabia que tinha. Fotografar no Conjunto Penal Feminino da Bahia configurou-se em um processo árduo de persistência e de exercício de muita paciência até que o produto final fosse obtido.

Aprendi a respeitar e a ter uma visão mais crítica sobre as pessoas que se encontram encarceradas. Ao contrário do que é geralmente exposto nos veículos de comunicação, a vida no presídio não é o tempo todo impregnada de violência. Existem sim os momentos de conflito, mas os indivíduos que estão presos seguem uma rotina de ordem e de trabalho que muito se assemelha com a vida do lado de fora da cadeia.

As internas retratadas no livro são pessoas, cujas histórias mereceriam a elaboração de mais tantos outros trabalhos. O mundo dessas mulheres impregnado pelo uso das drogas, na maioria dos casos, e pela falta de oportunidade de um futuro diferente que não o da violência e da prostituição, me fez pensar no quanto esse tema precisa ser explorado para que lhe seja dada a devida importância diante de sua complexidade,

O resultado desse trabalho foi por mim considerado como satisfatório porque que consegui condensar no projeto os objetivos que sempre persegui durante a graduação: como estudante de jornalismo busquei apresentar nas imagens a imparcialidade e a tentativa de mostrar a vida daquelas mulheres através das diferentes vertentes que devem conter na produção da notícia e na informação. Como fotógrafa, utilizei da técnica e da criatividade para produzir fotografias que não caíssem na repetição das cenas já tão exploradas pelos veículos de comunicação.

Durante a realização desse projeto fui obrigada a deixar os preconceitos do lado de fora do presídio e encarar com seriedade as histórias de vida que eram para mim relatadas e as cenas que presenciei no convívio com as presidiárias.

A confecção do livro fotográfico, desde o registro das imagens até a diagramação, obrigou-me a explorar um caráter criativo que eu acreditava não possuir e que foram determinantes para o resultado do trabalho apresentado. Explorar os diversos ângulos das imagens; buscar as cores, quando via apenas a penumbra; prestar atenção nos pequenos detalhes e nas expressões das internas: todos esses fatores foram exercitados durante a realização do projeto.

A demora para conseguir a autorização para entrar no Conjunto Penal, as regras do local que limitaram o meu acesso e convívio com as internas e, antes de tudo, a preocupação em trabalhar com um assunto tão delicado, foram percalços que fizeram desse livro um desafio que deveria ser encarado com muita responsabilidade, ao mesmo tempo em que me proporcionou plena satisfação ao vê-lo finalizado.

Mais do que a superação dos problemas aqui descritos, este livro fotográfico representa um desdobramento dos objetivos do meu futuro profissional. Ao superar os obstáculos pude ter certeza do caminho na fotografia jornalística e documental que sempre busquei durante a graduação e que pretendo seguir na vida profissional: utilizar a imagem como informação e produzir fotografias que possuam alguma relevância para a sociedade.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOOTH, W.C; COLOMB, G.G & WILLIAMS, J.M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHAGAS, Edson. **Mulheres de Tucum** (Penitenciária Feminina Estadual/Espírito Santo). Vitória: Fotografia Planejada, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de Pesquisar**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GONSALVEZ, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. 3ed. Campinas/ SP: Alínea, 2003.

KEENE, Martin. **Fotojornalismo: Guia profissional**. Lisboa – Portugal: 1ª edição, Dinalivro, 2002.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: 2ª edição, Espaço e Tempo Ltda, 1988.

LINS, Alene; VALENTE, Rosângela. **Fotojornalismo: Informação, técnica e arte**. 1997. 153 f. Projeto Experimental (Curso de Comunicação Social) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real – Sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2008.

MUNHOZ, Paulo. **Estágios de desenvolvimento do fotojornalismo na internet**. Diálogos e Ciência – Revista da Rede de Ensino FTC. Ano V, n 11, set. 2007.

SALGADO, Sebastião. **Trabalhadores: Uma arqueologia da era industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. **Fotografia jornalística e mídia impressa: formas de apreensão**. Revista Famecos. Porto Alegre, nº27, agosto 2005.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: 2ª edição Companhia das Letras, 1999.

Referências em meio eletrônico:

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea**. Londrina, PR: Revista Discursos Fotográficos, v.4, p.35-58, 2008. Disponível em:
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewArticle>>
Acesso em 06 de Fevereiro de 2009.

ALBERT, Rodrigo. **Inserção**. Blog. Disponível em:
<http://www.rodrigoalbert.com.br/pages/index_projetos_insercao_g1.php>
Acesso em 28 de Maio de 2009.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. Galeria de fotos. Disponível em:
<http://drauziovarella.ig.com.br/carandiru/foto_amarelo.asp>
Acesso em 30 de Maio de 2009.

Periódicos:

ELIAS, Érico. **Fotógrafo revela a vida em uma prisão diferenciada**. Fotografe Melhor. São Paulo, edição 53, junho de 2009.

Anexo A - Entrevistas

Antes de iniciar o trabalho fotográfico entrevistei 10 internas. As entrevistas funcionaram, na verdade, mais como uma conversa para conhecer as detentas e sondar como seria a minha recepção dentro do presídio. Durante o período em que fotografei realizei mais entrevistas, das quais selecionei aquelas que considero como mais marcantes:

Nome: Luíza de Carvalho

Idade: 49 anos

Acusação: Tráfico de drogas

Juliana Souza: Como é viver dentro de um presídio?

Luíza de Carvalho: A vida no presídio é muito complicada. Não sou daqui, não tenho nenhum parente. Eu trabalho, faço costura, cozinho, ganho um trocado para comprar cartão telefônico. Ninguém na minha família sabe que eu estou presa.

J.S: De qual crime foi acusada?

L. de Carvalho: Fui presa por tráfico de drogas, lá em Feira de Santana. Ficou provado que a droga não era minha, mesmo assim fui sentenciada e jogada de Feira para cá. Só que eu não mexo com drogas, nunca mexi. Eu mexia mesmo era com estelionato, não sei nem como é mexer com drogas.

J.S: Você recebe visitas?

L. de Carvalho: Só quem sabe que estou aqui é a minha filha biológica. Eu tenho três filhos, dois de criação e uma biológica. O resto da família sabe que estou na Bahia, mas não sabe onde estou. Quando ligo pra casa e perguntam por que não volto, digo que trabalho numa mineração e na hora que sair voltarei pra casa. De oito em oito dias, ligo pra casa.

J.S: O que a senhora pretende fazer quando for solta?

L. de Carvalho: Ninguém tem culpa de eu estar aqui, então tenho que me harmonizar com o ambiente para não gerar problemas ninguém, muito menos para mim. A primeira coisa que vou fazer quando sair daqui é procurar uma igreja, agradecer a Deus e ir para casa.

Nome: Vanessa

Idade: 20 anos

Acusação: Furto

J.S: Por quê você foi presa?

Vanessa: Eu fui presa pelo motivo que eu tava na “pista²”. Eu lá fora fazia programa e uma pessoa que eu não conheço perguntou se tinha polícia na área e meu erro foi dizer que não tinha. Foi quando aconteceu o furto e depois de certo tempo, ele veio e me segurou. A vítima era polícia, que me segurou dizendo que eu tava presa.

J.S: Quando aconteceu a prisão?

Vanessa: Fui presa dia 29 de março [deste ano] e não sei por quanto tempo vou ficar presa porque ainda não tive audiência.

J.S: Como é a sua vida aqui dentro?

Vanessa: Aqui é o lugar onde filho chora e papai e mamãe não vê. Minha vida aqui dentro é da cela pro pátio, do pátio para a atividade. E vou vivendo a vida até quando Deus achar que mereço a minha liberdade. A verdadeira escola da vida é aqui. Se eu não aprender aqui não vou aprender nunca mais. Estou aprendendo que o quê eu podia fazer lá fora, aqui dentro eu não posso, tenho que entrar nas normas.

J.S: O que você pensa em fazer quando for solta?

Vanessa: Tenho dois filhos lá fora, Israel e Isaías, de três e dois anos. Tenho também um namorado de rua, que se encontra preso na 1^a [Delegacia de Polícia]. Quando eu sair daqui, penso em trabalhar e cuidar dos meus filhos, porquê eu não

² O termo “pista” refere-se ao local na rua onde Vanessa, que é garota de programa, esperava pelos clientes.

quero que meus filhos cresçam me vendo nessa vida. É uma vergonha para os meninos crescerem sabendo que a mãe era prostituta e usava drogas.

Nome: Patrícia Dias

Idade: 26 anos

Acusação: Homicídio

J.S: De qual crime você foi acusada?

Patrícia Dias: Estou presa por causa de um crime que eu não fiz. Estavam quatro pessoas juntas na rua, mas nenhuma delas estava envolvida no crime. Acharam um corpo e jogaram para cima de nós, só porque somos fracos. Sou usuária de craque, uma “sacizeira”³. Eu tava no local que acharam o corpo. Era garota de programa, mas não fiz nada, não sei de nada sobre essa morte.

J.S: Como era a sua vida lá fora?

P. Dias: Desde que tenho 17 anos uso craque e “faço vida”. Comecei nessa vida quando saí de casa porque o meu padrasto queria me ‘comer’ quando eu tinha 12 anos. Conte para minha mãe, mas ela não acreditou e me botou pra fora de casa. Fui viver na Fonte Nova, onde era garota de rua, e nunca me envolvi com negócio de morte. Também nunca roubei, eu preferia vender o meu corpo pra poder usar o meu craque.

J.S: E como é aqui dentro?

P. Dias: Minha vida aqui é muito ruim. Tem muita fofoca. Isso aqui é um inferno, onde filho chora e mãe não vê. Deus quando me colocou aqui me livrou da morte. Porque lá onde eu ficava, na rua do Gravatá, ta tendo muita morte. Se estivesse lá eu não tava aqui pra contar história. Aqui é bom e não é. Cadeia não é bom pra ninguém, mas Deus me deu um livramento.

³ Entre as presidiárias, o termo “sacizeira” é destinado para as usuárias de craque.

Nome: Luciene de Cardoso

Idade: 38 anos

Acusação: Furto

J.S: Por quê você foi presa?

Luciene de Cardoso: Fui presa por causa de um livro de oito reais que eu roubei. Eu tava bebendo, tava embriagada, “desinconsciente” peguei esse livro e o dono da loja chamou a polícia.

J.S: Como era sua vida antes da prisão?

L. de Cardoso: Quando cheguei aqui em Salvador eu tinha 13 anos de idade, e as pessoas se aproveitavam de mim para buscar droga, buscar maconha. Eu ia, pegava 50, 100 quilos, mas até aí, graças a Deus, eu não fui presa, passei batida. Depois que eu comecei a ir na fábrica buscar as drogas pra poder manter o vício. Eu era viciada em pedra, no craque. Já fui presa cinco vezes, sempre por simples furtos. Porque eu nunca tive coragem de vender o corpo, então eu roubava no mercado pra manter o vício. Meu corpo não foi feito pra vender, foi feito para amar.

J.S: E como é aqui dentro?

L. de Cardoso: Eu penso que isso aqui não é um presídio, é uma escola. Isso aqui é um seguro para a nossa própria vida. Aqui eu vivo uma vida solitária. Então agora chegou a hora de dar um basta nisso tudo.

J.S: Você já sabe o que fará quando for solta?

L. de Cardoso: O meu plano pra quando eu sair daqui é ir no Bocão⁴ pedir uma caixa de isopor pra vender refrigerante ou uma guia de cachorro quente. O que for da vontade que Deus quiser me ajudar.

⁴ O programa Se Liga Bocão, apresentado por José Eduardo, é exibido de segunda a sexta - feira, às 13h, na TV Aratu.

Anexo B: Texto do livro

Quem são elas

Moradora de rua desde os 14 anos, Vanessa, hoje com 20 e dois filhos para criar, saiu de casa após a morte de sua mãe. Sem ter como se manter e com vergonha de aceitar comida de estranhos, decidiu viver na rua, onde encontrou um mundo bem diferente do que conhecia em casa. Tornou-se garota de programa. Vendia o corpo para comprar comida e para sustentar o vício nas drogas. Presa em 29 de março de 2009, acusada de roubo, ela ainda não sabe por mais quanto tempo ainda ficará na cadeia.

Nessa mesma época, foi condenada Patrícia Dias, 26 anos, acusada de assassinato. Foi expulsa de casa aos 12 anos por sua mãe, que não acreditou quando a filha lhe contou que sofria ameaças de abusos sexuais do padrasto. Patrícia foi morar na rua, onde se tornou garota de programa e viciada em craque aos 17.

As histórias são parecidas, mas essas mulheres ainda possuem mais em comum: dividem o mesmo espaço no Conjunto Penal Feminino, em Salvador, Bahia. Elas encontraram também, depois muito de tempo, um motivo para dar um novo rumo na vida. Mesmo com a falta de liberdade, as regras rígidas da cadeia e a dor

de ter que ficar longe dos filhos, Patrícia e Vanessa entenderam a prisão como a oportunidade de ficar longe das drogas e ter uma segunda chance.

Segundo Patrícia, a vida na cadeia não é boa para ninguém, mas acredita que Deus a livrou da morte, pois, se ainda estivesse na rua não estaria viva para contar essa história. Vanessa conta os minutos para estar livre, no entanto, compreende o presídio não exatamente como uma cadeia, mas como um centro de recuperação onde Deus a colocou para que “criasse juízo”.

Sem o mesmo otimismo encontra-se Joana Dark, 35 anos, acusada há dois anos por tráfico de drogas. Com um tom de amargura, Joana reclama das constantes brigas, por qualquer motivo que ocorrem entre as internas do presídio. Segundo ela, o ócio é um dos principais motivos de desentendimentos: “Aqui não é um centro de recuperação. Do jeito que somos tratadas aqui saímos pior, pois quando uma pessoa não tem nada para fazer num presídio, vai procurar por coisas que não são do agrado de Deus”.

Os sentimentos se misturam dentro da cadeia. Em algumas mulheres existe a esperança da oportunidade de dar a volta por cima, em outras, persiste a revolta e a humilhação pela situação na qual se encontram. Todas elas, porém, compartilham do mesmo desejo de não querer voltar mais para aquele lugar.

Nas celas, as mulheres dividem momentos de solidão, angústia e saudade com suas companheiras de cárcere e, no caso de algumas, companheiras no amor também. Mais difícil, contudo é para as mães que vivem com seus bebês. Essas mães sentem-se ao mesmo tempo tranqüilas cuidando de seus filhos, mas convivem com a ansiedade e o medo de terem que se separar deles.

O pequeno Souleyman Maia, ou simplesmente Júnior, é uma exceção. Com 10 meses de vida, ele ainda está no presídio porque não tem certidão de nascimento. A mãe do garoto, na época grávida de oito meses, foi presa no dia em junho de 2008, quando tentava levar drogas do Brasil para a Espanha. Deu a luz ao filho no hospital, mas vive com ele na cadeia desde o seu nascimento.

Condenadas na maioria dos casos por roubo e por tráfico de drogas, as internas do Conjunto Penal Feminino praticamente não existem para uma grande parcela da sociedade. Algumas delas não existem nem para suas famílias. São entendidas como pessoas que devem ser esquecidas. Mulheres invisíveis para quem está do lado de fora.

Com um sorriso raso no rosto acompanhado de um olhar de melancolia, Luciene Cardoso, 38 anos e mãe de sete filhos, foi presa por furto pela quinta vez em 22 de abril de 2009. Ela morava na rua desde que tinha 13 anos. Saiu da cidade do interior do estado da Bahia aonde morava com sua família para tentar a vida na capital. Logo que chegou foi recrutada para a compra de drogas e em seguida vendia pedras de craque para sustentar o vício. Para Luciene, a vida no presídio representa mais do que uma detenção, é antes de tudo uma escola e um seguro para a sua própria vida.

Essas internas, cujos nomes foram citados, não são personagens isoladas. Elas representam toda uma população carcerária que se encontra em situação semelhante. Mulheres para sempre marcadas com as cicatrizes da detenção e que sonham com o dia que encontrarão a liberdade.